

A ÉTICA DE PRINCÍPIOS E A ÉTICA DE RESPONSABILIDADES

A divisão entre princípios e resultados, ou entre **ética coletiva** e **ética individual**, sempre existiu, desde os tempos de Hamurabi pelo menos, tendo sido dissecada teoricamente pelo florentino Maquiavel.

No dizer de um italiano contemporâneo, o filósofo e político Norberto Bobbio, tal divisão é inevitável e constitui mesmo uma tensão estrutural da política.

Grande parte da **corrupção disseminada** que afeta a vida pública e mesmo a sociedade brasileira como um todo decorre dessa divisão e, mais especificamente, deriva da dicotomia existente entre o **poder e a responsabilidade dos políticos**.

Eles podem deter o poder, mas raramente assumem todas as responsabilidades que daí decorrem.

Se a “**desonestidade**” tem suas raízes na irresponsabilidade moral e política dos políticos, uma ação corretiva deveria preocupar-se, sobretudo com a reconstituição dos limites e os termos dessa responsabilidade.

A crise política sem fim e sem precedentes sugere algumas reflexões sobre o problema da **ética na política**.

A atividade política só se justifica se o político tiver espírito republicano, ou seja, se suas ações, além de buscarem a conquista do poder, forem **dirigidas para o bem público**, que não é fácil definir, mas que é preciso sempre buscar.

Um bem público que variará de acordo com a ideologia ou os valores de cada político, mas o qual se espera que ele busque com prudência e coragem.

A ética da política, porém, não é a mesma ética da vida pessoal. É claro que existem princípios gerais, como não matar ou não roubar, mas entre a **ética pessoal** e a **ética política** há uma diferença básica:

a) na **vida pessoal** deve-se esperar que cada indivíduo aja de acordo com o que Max Weber chamou a **ética da convicção**, ou seja, a **ética dos princípios morais aceitos em cada sociedade**;

b) na **política** prevalece a **ética da responsabilidade**.

A **ética da responsabilidade** leva em consideração as conseqüências das decisões que o político adota. Em muitas ocasiões, o político é obrigado a tomar decisões que envolvem meios não muito nobres para alcançar os objetivos públicos.

O político, por exemplo, não tem alternativa senão fazer compromissos para alcançar maiorias. Uma forma mitigada do clássico princípio republicano de Maquiavel de que os fins justificam os meios.

Para o grande pensador florentino, fundador do republicanismo moderno, o interesse público era o critério essencial, mas diferentemente do conceito de **ética da responsabilidade**, ele justificava praticamente **qualquer meio desde que visasse o interesse público**.

Nessa contradição entre os fins públicos e os meios existe um problema de grau. É claro que o político deve ser fiel à sua visão do bem público, mas não pode ser radical tanto em relação aos fins nem aos meios.

Não pode acreditar que detém o monopólio da definição desse bem: o político democrático e republicano tem a sua visão do interesse comum, mas respeita a dos outros.

Por outro lado, ainda que o uso de meios discutíveis possa ser justificado em certas circunstâncias, é evidente que não podem ser quaisquer os meios utilizados.

É preciso aqui também ser razoável: alguns meios são absolutamente **condenáveis e, portanto injustificáveis**.

Foi por isso que Weber, ao invés de ficar com a **ética de Maquiavel**, preferiu falar em **ética da responsabilidade**, para poder enfatizar o **fator grau na escolha tanto dos fins quanto dos meios**.

Um grande número de políticos, porém, não age de acordo com ela. Muitos agem **imoralmente como temos visto**.

Quando pensamos nos principais responsáveis pela **atual crise moral**, o que vemos é que poucos foram **imorais** apenas em relação aos meios, **utilizando meios condenáveis como a corrupção e o suborno**.

Compram-se votos com oferecimento de favores pessoais, com promessas de cargos na administração pública, com cestas básicas para mitigar a fome dos menos favorecidos pela sorte.

Nos dias atuais, compram-se votos com promessas mirabolantes que sabidamente não podem ser cumpridas, como a de oferecer computadores a serem adquiridos com o dinheiro público provenientes dos impostos.

Isso não caracteriza crime eleitoral?

No entanto, ele acontece em alto e bom som em programas de horário eleitoral gratuito.

Esse tipo de política, porém, tem vida curta nas democracias.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental rocha@outorga.com.br – www.outorga.com.br



Nicolau Maquiavel – em italiano -(Niccolò di Bernardo Machiavelli)

Nascimento 3 de Maio de 1469 - Florença, Itália

Falecimento 21 de Junho de 1527

Magnum opus - O Príncipe

Nicolau Maquiavel (1469-1527)

Foi um historiador, poeta, diplomata e músico italiano do Renascimento. É reconhecido como fundador do pensamento e da ciência política moderna, pela simples manobra de escrever sobre o Estado e o governo como realmente são e não como deveriam ser.

Os recentes estudos do autor e da sua obra admitem que seu pensamento foi mal interpretado historicamente. Desde as primeiras críticas, feitas postumamente por um cardeal inglês, as opiniões,

muitas vezes contraditórias, acumularam-se, de forma que o adjectivo *maquiavélico*, criado a partir do seu nome, significa esperteza, astúcia.

Niccolò di Bernardo dei Machiavelli viveu a juventude sob o esplendor político de Florença durante o governo de Lourenço de Médici e entrou para a política aos 29 anos de idade no cargo de Secretário da Segunda Chancelaria. Nesse cargo, Maquiavel observou o comportamento de grandes nomes da época e a partir dessa experiência retirou alguns postulados para sua obra.

Depois de servir em Florença durante catorze anos foi afastado e escreveu suas principais obras. Conseguiu também algumas missões de pequena importância, mas jamais voltou ao seu antigo posto como desejava.

Como renascentista, Maquiavel se utiliza de autores e conceitos da Antiguidade Clássica de maneira nova. Um dos principais autores foi Tito Lívio, além de outros lidos através de traduções latinas, e entre os conceitos apropriados por ele, encontram-se o de *virtù* e o de *fortuna*.

De origem relativamente modesta, conseguiu fazer carreira pública, após a expulsão dos Medici, em 1494. Executou missões junto a diversos Estados italianos, progredindo rapidamente na carreira. Embora nunca fosse nomeado oficialmente embaixador, dirigiu frequentemente negociações de grande responsabilidade.

Foi particularmente importante a missão que desempenhou junto a César Bórgia, durante as conquistas deste na Romanha, em 1502. De regresso a Florença, desempenhou o cargo de segundo secretário, sob o governo de Soderini.

Percebendo o perigo que representavam as tropas mercenárias, empregadas habitualmente por Florença e por outros Estados italianos, organizou, em 1506 e 1507, com a aprovação de Soderini, uma milícia nacional.

Dois anos depois, a força por ele organizada com cidadãos florentinos participou do término vitorioso do assédio de Pisa, que Maquiavel supervisionou indiretamente.

Todavia, quando os Medici ameaçaram os florentinos de dirigir contra a cidade tropas espanholas, a milícia foi dividida, sofrendo grave desastre em Prato, em 1512, e a entrega daquela posição defensiva acarretou a queda de Florença e a fuga de Soderini.

Preso por algum tempo em 1513 e torturado, Maquiavel recebeu depois ordem de se retirar para sua propriedade, perto de San Casciano, na Toscana. Devido a sua íntima conexão com o regime republicano deposto, não conseguiu recuperar sua preeminência política.

Todavia, desempenhou por breves períodos alguns cargos menos importantes e recebeu dos Medici diversos favores, em reconhecimento por sua atividade literária, que se intensificou consideravelmente após a queda do governo republicano.

Ocorrendo nova expulsão dos Medici, regressou a Florença, mas adoeceu gravemente, morrendo pouco depois.

Sobre a obra

Sua obra mais famosa, O Príncipe, escrita de 1513 a 1516, foi publicada postumamente, em 1532. A obra reflete seus conhecimentos da arte política dos antigos, bem como dos estadistas de seu tempo, e expressa claramente a mentalidade da época.

Formulando uma série de conselhos ao príncipe, o autor expôs uma norma de ação autoritária, no interesse do Estado. Deste modo, Maquiavel ilustrou a política renascentista de constituição de Estados fortes, com a superação da fragmentação do poder, que caracterizara a idade média.

As obras de Maquiavel foram, a princípio, bem recebidas, mas durante o período agitado que se seguiu à Reforma incorreram no anátema de ambas as partes em luta. Em 1559, o pontífice incluiu-as no Índice.

Por outro lado, denegridas sistematicamente, aquelas obras passaram a ser consideradas, nos países mais diversos, expressão do cinismo político, advindo daí o sentido pejorativo de termos como maquiavélico e maquiavelismo. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maquiavel>



Norberto Bobbio

Primeiros anos e vida acadêmica

Norberto Bobbio nasceu na capital do Piemonte, no seio de uma família burguesa tradicional, filho de um médico-cirurgião, Luigi Bobbio, neto de António Bobbio, professor primário, depois director escolar, católico liberal que se interessava por filosofia e colaborava, periodicamente, nos jornais.

Viveu durante a infância e adolescência em uma família abastada, com criadas e motorista. Inicia-se no gosto da leitura com Bernard Shaw, Honoré de Balzac, Stendhal, Percy Bysshe Shelley, Benedetto Croce, Thomas Mann e vários outros.

Foi amigo de infância de Cesare Pavese com quem conviveu e aprendeu o inglês através da leitura de alguns clássicos. Lia, depois traduzia e comentava.

Não obstante as origens abastadas e o estrato social elevado a que pertence por força da posição social do pai, é marcado por uma educação liberal.

Diz na Autobiografia:

"na minha família nunca tive a impressão do conflito de classe entre burgueses e proletários. Fomos educados a considerar todos os homens iguais e a pensar que não há nenhuma diferença entre quem é culto e quem não é culto, entre quem é rico e quem não é rico."

E registra:

"recordei esta educação para um estilo de vida democrático numa página de Direita e Esquerda em que confesso ter-me sentido pouco à vontade diante do espectáculo das diferenças entre ricos e pobres, entre quem está por cima e por debaixo na escala social, enquanto o populismo fascista tinha em mira arregimentar os italianos dentro de uma organização social que cristalizasse as desigualdades."

Mesmo tardiamente, adquiriu consciência política, e relembra:

"não foi no cortiço familiar que amadureci a aversão ao regime mussoliniano. Eu fazia parte de uma família filofascista como de resto o era grande parte da burguesia."

Adquire a educação política no liceu Massimo d'Azeglio, nas aulas de Augusto Monti, amigo de Piero Gobetti e colaborador na revista *Le rivoluzioni liberali*, na convivência como Leone Ginzburg, judeu russo, de quem se diz impressionado por uma inteligência viva, um "antifascista absoluto".

Completa os estudos na Universidade na companhia de Vittorio Foà, "antifascista desde sempre". Ambos, registra, fizeram-no sair, pouco a pouco, do "filofascismo familiar".

Acaba o liceu em 1927 e inscreve-se na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Turim. Convive com professores notáveis, que lhe ajudam a moldar a personalidade, os gostos e a traçar o seu próprio caminho. Em 1931, licencia-se em Jurisprudência com uma tese de Filosofia do Direito.

Obra

A mais recente bibliografia dos seus escritos enumera 2025 títulos entre obras de ensaio, direito, ética, filosofia, peças de comentário político.

Mas se há um traço comum que une esta vasta e diversificada obra intelectual é a postura do professor que procura de forma simples e intuitiva transmitir a quem o ouve (ou lê) as ideias matrizes de uma riquíssima história das ideias ocidentais e a perseverante defesa das regras do jogo democrático como indispensável à própria sobrevivência da democracia.

Entre suas obras mais usadas no meio acadêmico, destaca-se o "Dicionário de Política", escrito ao lado de Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, publicada em dois volumes.

- Estado, Governo, Sociedade
- Ensaio sobre Gramsci

http://pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Bobbio